



**Nova Atena**  
Saber e Bem-Estar



Desafiando o fio da escrita

Mês de Novembro de 2023

Nova Atena



# Desfiando o fio da escrita

<b>ÍNDICE</b>		
<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>PÁGINA</b>
Carlos Baptista	Verão de S. Martinho	2
Faustino Vital	Quem me dera	3
Faustino Vital	Viva o descanso (2)	4
Fernando Baptista	Ninguém me roubará algumas coisas	5
Fernando Baptista	Um poema (passado)	6
Francisco Lourenço	Melhores Amigos	7
Graça Cêncio	Dentro de mim existe um rio	8
Isabel Pernes	Nós os portugueses	9
Jerónimo Pamplona	A morte na guerra principia na descida pela escadaria	10
Jerónimo Pamplona	Borboleta é um ser de misteriosos nadas	11
José Eduardo Gomes Marques	Micro histórias	12
Luísa Machado Rodrigues	Fuga para o Egipto	13
Maria de Lourdes Santos	Vida	14
Maria Luísa Freitas	A pousada da mala posta na aldeia do Oeste	15
Maria Silveira	Borboletas	16
Mitú Branco	Cigana	17
Mitú Branco	Mulheres	18
Pilar Encarnação	Mais um dia de calor	19
Pilar Encarnação	Um insólito dia de Verão	20
Regina Ferreira	Carta (póstuma) para aminha avó materna	21
Vítor Carvalho	A escuridão da ignorância	22
Vítor Carvalho	Faltaram as asas	23



# Desfiando o fio da escrita

## **Verão de S. Martinho**

(em jeito de conto infantil)

Montado na sua Harley Davidson, garboso e ruidoso Rocinante dos tempos modernos, subia, montanha acima, pela sinuosa estrada. Chovia copiosamente, e o vento gelado até arrepiava. Bem protegido pela sua gabardine North Face, forrada a Gore Tex, o Vítor não sentia o gélido frio que o vento trazia nem a molhada humidade da chuva.

No topo da montanha o frio era ainda mais frio, e lá, sentado numa pedra recoberta de musgo verde, junto á fonte, estava um mendigo a tremer de frio. Vestia calças de ganga muito velhas e tshirt contrafeita com uns quantos rasgões e o emblema, já desbotado, da seleção nacional. Lábios roxos tremia, tremia muito, com certeza por causa do frio, pois ele ainda era muito novo para sofrer de Parkinson. Ao ver este quadro de miséria humana o Vítor condeou-se e ofereceu a gabardine inteira ao desgraçado mendigo, mesmo sabendo que iria rapar um frio de arrepiar. Antes, porém, pensara partilhar a gabardine com o mendigo, mas não encontrou o canivete suíço, que costumava estar no alforge da mota e não pode cortá-la ao meio, como fez o Martinho uns séculos atrás. Que gesto mais nobre, mais generoso!!

Milagre...!!! À volta do Vítor, num raio de dois metros, em vez de chuva de água molhada, começaram a cair notas de euro, de todos os valores, mas a maioria era de quinhentos euros. Seria Deus a compensar tanta generosidade, tanto desapego às coisas terrenas?? Desmontou da mota e foi apanhar as notas, uma a uma, e colocou-as bem direitinhas entre o seu corpo e a camisa, criando assim excelente proteção para o frio e para a chuva. Confortado com o regresso do conforto térmico montou e seguiu viagem de regresso ao seu gabinete. Não conseguia disfarçar o sorriso. Aquele agradecimento do Supremo era muito mais gratificante que qualquer Torre e Espada com que Marcelo o pudesse agraciar. Mais gratificante e mais valioso.

No gabinete arrumou algumas notas numa caixa de vinho, reutilizar é ecológico, e outras entre os livros na estante.

Depois vieram os malvados policias e levaram todas as notas. Com certeza eram ateus, não entenderam que aquele dinheiro era sagrado, era a ponte entre o Vítor e o Supremo (não me refiro, como vocês estão a pensar, ao Supremo Tribunal de Justiça, mas sim ao Supremo, o Criador).

No dia seguinte fazia sol e o mendigo foi vender a gabardine à Feira da Ladra. Ainda lhe deram cinquenta euros por ela. Dinheiro que serviu para comprar pão e vinho e manter o estomago quente e aconchegado por vários dias.

Esta estória é tão falsa e mentirosa como a outra do dinheiro ser compensação de serviços prestados em Angola, mas é bem mais divertida.

**Carlos Baptista**



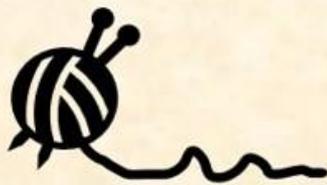
# Desfiando o fio da escrita

## **Quem dera**

Quem dera  
Que os pássaros  
Voltassem a voar  
Quando as bombas cessarem,  
Terra ferida  
Gente fugida  
Desorientada e sem guarida  
Terra amargurada  
Para sempre arruinada

Quem dera  
Que as árvores pudessem andar  
Que os déspotas ficassem  
Presos na terra, imóveis,  
Quais estátuas de bronze  
Sujas, cobertas de excrementos  
Dos pássaros então regressados  
Que a vida volte exuberante  
Sobre os solos ensanguentados

**Faustino Vital**



# Desfiando o fio da escrita

## Viva o descanso (2)

Neste tempo de apertos, de inflação e de impostos que nos são impostos, nem sempre é fácil para algumas pessoas viajarem de férias para fora do sítio onde vivem todos os dias.

Este, um homem comum e sem nome, vivia num sótão acanhado e escuro, de telha vã, pagando renda cara, aguentava os invernos com todos os cobertores que tinha e no verão era uma suadeira com o calor abrasador que era reflectido pelo telhado. Não podendo veranejar fazia um simulacro do que podiam ser uns tempos passados numa praia.

Durante alguns dias tinha trazido a custo uns sacos com areia que apanhou num monte de uma construção ali perto.

Num desses dias de aflição com o sol a pino, abrasador e sufocante, espalhou no chão da pequena casa de banho a dita areia, encheu meia banheira de água e foi a um canto buscar e abriu um chapéu de sol. Despiu-se e envergou uns calções de banho de outras épocas, reclinou-se numa cadeira articulada que lhe tinham dado, acendeu uma lâmpada e ligou um pequeno ventilador que por vezes girava. Agora ia gozar o seu tempo de férias. A lâmpada parecia-lhe o sol, o vento fazia-lhe voltar os cabelos e uma brisa suave projectava-se sobre ele. Com um dos braços passados sobre o bordo da banheira, com a mão ia fazendo umas ondinhas na água onde tinha posto um pouco de sal e uma alga trazida por um amigo do emprego, só faltava um pequeno veleiro de brinquedo para tudo estar perfeito. Estava ligeiramente feliz, cheirava-lhe a mar, bastava-lhe cerrar os olhos para se transportar para o sítio idealizado.

Não durou muito tempo: A água foi escorrendo causada por uma válvula velha e defeituosa, a sobrecarga eléctrica fez disparar o disjuntor parando a ventoinha e a lâmpada do teto, ao levantar-se no escuro bateu com a cabeça no chapéu de sol e o calor impiedoso voltou rapidamente.

Como é que umas coisas tão simples podem estragar um dia de férias ?

Bem diz o ditado: O pão do pobre quando cai, cai sempre virado com a manteiga para o chão .... quando há manteiga.

**Faustino Vital**



# Desfiando o fio da escrita

## **Ninguém me roubará algumas coisas**

Estou farto disto tudo! Tou farto de ser lixado! Frases exclamativas, que soaram não como um apelo, mas sim como uma forma superior de protesto. Dizia para toda a gente, porém dizia sem a ninguém se dirigir.

Era um homem não idoso, estava sentado no jardim onde outros homens, velhos, jogavam “à sueca”. Viraram para ele o olhar quando ele disse aquilo, ao fluir majestoso do tempo. Como decorrido largo tempo de pensamentos desagradáveis resolvesse falar alto para si próprio, observou os outros. Os outros observaram-no sem curiosidade aparente. Disse então: Tamos fartos disto tudo! Tamos fartos de ser lixados! Ninguém roubará algumas coisas!

O plural da frase, possuía agora uma direcção e um sentido: denominadores comuns. Assumia-se como a voz colectiva.

Observei-o com discrição. Era um homem sofrido, entrecruzado de rugas, sobrado sobre si mesmo, usava um boné de pala meio dobrada, verde e desbotado. Mantinha a expectativa de uma qualquer resposta porventura para melhor expressar o que afirmava.

Os outros homens continuaram no jogo e nada disseram. Sentei-me a seu lado. Olhou-me num estudo rápido e disse: Sabe, fui chefe nominal de uma família secularmente empobrecida. Sou um patuleia ignaro, razoável bebedor, por vezes colérico. Conheço razoavelmente as leis da gravidade em consequência de alguns tombos dados pela vida fora. Chegava a casa com o miúdo a chorar, a expressão mais medonha de dar tombos.

Puxou de um cigarro e continuou: As coisas já correram bem para mim. Depois da tropa (no regresso da guerra de África), de imediato encontrei trabalho.

Era mecânico auto, electricista, em pouco tempo assumi a responsabilidade da oficina. O velho patrão quis passar o negócio e ofereceu-me para que com ele ficasse. O cigarro, esquecido, ia queimando entre dois dedos. Vivi mesmo bem sabe! Calou-se e fixou o olhar perscrutando o horizonte.

Atempadamente paguei a empregados e ao estado. Quer dizer, eu pensava ter pago. Um dia, chegou à oficina um senhor com uma ordem qualquer para encerrar tudo. O tipo do escritório “abotoou-se”, com o dinheiro. Inventou um carimbo e uma rubrica para validar os pagamentos ao estado. A dívida, multas e coimas era irracional.

Carro, casa tudo foi no turbilhão. Encontrei abrigo com os meus pais. Ela e o miúdo foram para casa dos pais dela. Calou-se. Encorajei: então amigo é um homem! Eu só quero é chorar disse. Não quero transigir. Ninguém me roubará algumas coisas. Vamos beber um copo! Olhou-me. Porquê? Nunca lhe fiz nenhum favor!

**Fernando Baptista**



# Desfiando o fio da escrita

## Um poema (passado)

Naquele dia cinzento e tristonho  
Vi nos olhos teus lágrima perdida  
Partia o barco! A raiva quebrava o sonho  
Da mocidade ainda não vivida

Longe o amor onde a terra é vermelha  
Grito triste sufoca a nossa voz  
Não somos que uma pequena abelha  
Número sem mel, assim somos nós

Baixinho vamos dizendo: eu quero!  
Jamais aceitar ser número zero  
Abrir meus olhos sair do porão

Pois cortam-nos pernas e braços  
Cansados rostos perderam seus traços  
Mas nosso amor a tudo disse não.

**Fernando Baptista**



# Desfiando o fio da escrita

## Melhores amigos

Escolheu mal os assessores, convencido que estava certo  
Teve muitos dissabores, ficou sozinho no deserto!

A justiça investigou, fez sair comunicados  
E de surpresa em surpresa, ficámos todos espantados!

Ficámos todos espantados, tantos governantes envolvidos  
Ministros, Secretários, Assessores, por más práticas referidos!

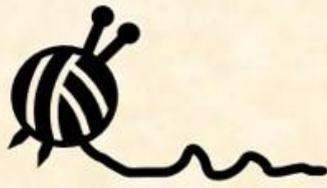
O Primeiro demitiu-se, por seu nome ser referido  
O Presidente aconselhou-se, e o regime ficou ferido

Assembleia dissolvida, o País em ebulição  
Zé Povinho até duvida, de tamanha corrupção!

Foi forte a galambada, que o nosso Primeiro arranjou  
De tanto, tanto insistir, a todos o vento levou

De eleição em eleição, assim vai este País  
Que os novos governantes, tornem o Povo mais feliz!!

**Francisco Lourenço**



# Desfiando o fio da escrita

## **Dentro de mim existe um rio**

Dentro de mim existe um rio  
Que desliza suavemente  
Sem pressa, languidamente abraçando as margens  
Soprando gotículas como se fossem beijos  
Quando a brisa o embala  
Suspirando pelo luar claro  
Entoando alegres trovas quando o sol o aquece.  
Dentro de mim existe um rio  
Que se revolve quando a trovoada ecoa  
E se agita e se agiganta  
Quando a tempestade o fustiga  
E o obriga a violentar as margens  
E amedrontar quem o olha  
Quando corre veloz em direcção à foz.  
Que sossegos e alvoroços  
Dentro de mim acalento  
Numa inconstância frequente  
Ora aceito ora declino  
Ora exulto ora desfaleço  
Tantos altos e baixos neste mundo conturbado  
De ódios e de paixões  
De apoios e contestações  
De paz e de invasões.



# Desfiando o fio da escrita

## **Nós os portugueses**

Anos 60, 70 e talvez mais.

Os portugueses só conhecidos pelos imigrantes eram tidos por ignorantes, rudes, sem noção de limpeza.

Só numa coisa ganhavam a todos eram uns “animais a trabalhar”.

Se algum pudesse ir passear ao estrangeiro tinha de dizer bem alto “sou turista”.

Na pátria os que podiam ir às praias ao domingo levavam grandes cestos com grandes tachos de almoçaradas e garrações de vinho e quando saiam a limpeza da zona não era a melhor. Falavam e riam muito alto e todos ouviam e alguns incomodavam-se.

Estamos em 2023. Por razões familiares tenho feito várias viagens Lisboa-Algarve no Alfa.

Da primeira vez e outras, mas a surpresa foi que na primeira vez que entrei na carruagem era um cheiro a pizza, aperitivos e cerveja.

Fiquei admirada a imagem e o cheiro levaram-me agora a cores à fotografia de 60/70, mas os personagens tinham mudado, bem falantes, bem coloridos, falando muito alto, mas em vez de português era outra língua.

Pensei que estou no melhor comboio português, 1ª classe, existe uma carruagem bar, porque razão os viajantes não irão fazer os lanches para lá?

Ou nós evoluímos ou eles retrocederam. Verdade que não havia lixo no final, mas a conversa em tom alto durante três horas dava vontade de dizer algo.

Pelo menos em 60/70 era ao ar livre e em português.

**Isabel Pernes**



# Desfiando o fio da escrita

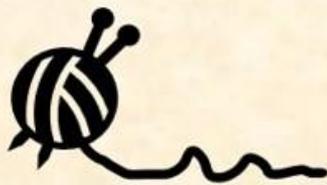
## “A morte na guerra principia na descida pela escadaria”

A história que vos vou contar é a do meu colega de armas e o melhor amigo que conheci durante o tempo que vivemos no dia a dia da guerra colonial. Tudo começou em 13 de abril de 1961 com o “grito de guerra” do Dr. Oliveira Salazar: «Para Angola rapidamente e em força»! A revolta interior de estarem a lutar em “terra alheia” contra os autóctones, tornava o tempo e o modo daqueles militares num inferno e numa vida de ansiedade e medo. Sendo, ainda, uns “vintinhas” pensavam, com frequência, na morte! Especialmente quando saiam do aquartelamento para operações na mata (tiros de metralhadoras e minas antipessoal) ou para reabastecimento na Vila ou Cidade mais próxima (tiros de metralhadora e minas anticarro). É o tempo de vos falar da personagem principal, o meu amigo Zeca Cabrera. Nasceu no ano de 1942 na Maternidade Alfredo da Costa, e morava no 4º andar do Nº 6 da Rua dos Correios em Lisboa. Frequentou a Escola Comercial Veiga Beirão no Largo do Carmo, Lisboa, onde concluiu o curso Geral de Comércio. Em 20 de Julho de 1963, de acordo com o Decreto 42937, foi mobilizado para servir na Região Militar de Angola, na Companhia de Comando e Serviços do Batalhão de Caçadores Nº 451.

No dia 20 de agosto de 1963 pelas 07h30 começou a descer a escadaria (não havia elevador) do Prédio onde morava para se dirigir à Unidade Mobilizadora, a fim de marchar pelas 09h00 para a Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos. Como era hábito naquela época, as tropas formavam na Gare Marítima para prestarem as honras militares a uma alta entidade militar, receberem as despedidas de familiares e amigos(as) e umas lembranças, normalmente tabaco e aerogramas, entregues pelas senhoras do chamado Movimento Nacional Feminino. Havia neste ritual a pretensão de inculcar a imagem do amor que o país tinha pelos seus filhos, em concomitância com o espírito guerreiro dado pelo rufar dos tambores, enquanto os soldados marchavam a caminho da entrada no navio. No nosso caso calhou-nos o paquete Vera Cruz que se fez ao mar às 11h00 em ponto, tendo navegado durante dez dias, atracou em Luanda no dia 30 do mesmo mês. Do porto de desembarque, o Batalhão seguiu para o Zemba, um aquartelamento no meio do mato, a 55 Km da cidade do Quitexe, da província do Uíge (antigo Reino do N`Dongo). A etnia de origem é um povo Banto que fala o Kimbundo, a segunda língua banta mais falada em Angola. Ali, havia guerra a sério. Uma das razões é que esta etnia (Ambundos) é de entre todas uma das mais agressivas de Angola. Desde o início da colonização sempre resistiu ao domínio dos portugueses. Foi com este cenário que o Batalhão iniciou as suas atividades: - deslocações, sujeitas a emboscadas, e ação psicossocial nas aldeias das redondezas. Foi numa destas visitas, em maio de 1964, a uma destas aldeias que o Furriel miliciano Zeca Cabrera, com a especialidade de minas e armadilhas, caminhando à frente da sua secção pela vereda que levava até à aldeia (comuna) de Quitende, tropeçou num fio metálico que fez explodir uma mina antipessoal cuja explosão o atingiu em cheio. Quando chegou ao quartel vinha, ainda, com vida, mas tão maltratado que eu cheguei a desejar-lhe a morte. Se eu fosse crente, diria que Deus me ouviu.

**Maldita guerra! Maldito Colonialismo! Maldito Fascismo! Todas as guerras são estúpidas! Alguém quer dominar outrem para se apoderar dos seus bens!**

**Jerónimo Pamplona**



# Desfiando o fio da escrita

## **“Borboleta é um ser de misteriosos nadas”**

As borboletas têm um significado especial para muitos povos.

São, primariamente, consideradas o símbolo da transformação.

Devido ao processo da metamorfose a que estão sujeitas.

Contudo, também representam a felicidade, beleza e renovação.

As borboletas pertencem ao grupo de insetos polinizadores:

Abelhas, abelhões, vespas, moscas, escaravelhos e borboletas.

Porém, as borboletas são dentre todos eles o inseto mais bonito.

Devido aos diferentes coloridos das asas das variadas espécies.

As borboletas são uns seres de “*misteriosos muitos*” de felicidades.

São atraídas por flores e folhas de plantas de hortas, jardins e matas.

Com colorações vistosas, num voo leve e elegante, difundem beleza.

Atraem os olhares dos visitantes dos seus habitats para verem o seu fulgor.

Insetos alados vão semeando sonhos, de novas vidas, plenos de significação.

Porque as cores das asas das borboletas têm cheiros coloridos aqui expressos:

- A cor azul simboliza a lealdade e a harmonia.
- A cor amarela simboliza a vitalidade e prosperidade.
- A cor branca simboliza a calma e a paz.
- A cor laranja simboliza a paixão.
- A cor rosa simboliza a feminilidade.
- A cor vermelha simboliza, além da paixão, a sorte no amor.

**Jerónimo Pamplona**



# Desfiando o fio da escrita

## Micro-Histórias de cada dia

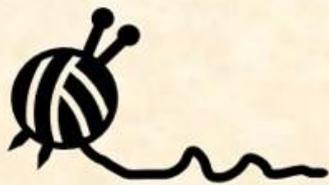
### Pausas de Morte

Este é um tipo de pausas que dá que pensar, numa guerra sem fim à vista, que vem de tempos tão velhos, é extraordinário. A pausa é proclamada, calendarizada e nesse tempo suspenso, é permitido enterrar os mortos, dar de comer e beber aos vivos, cuidar dos feridos e dos mutilados. Desde cirurgias sem anestesia a consertar braços, pernas e cabeças, até colocar uns quantos pensos rápidos, extraordinário. Pouco depois deste abençoado alívio, regressa a guerra, com todo o seu arsenal de bombas, misseis e tudo o mais, moderno e mortífero, como sempre. Neste ritual de morte, os que foram alimentados, consertados e cuidados já podem morrer, de novo, sob aquela chuva torrencial, sem esperança, sem vida. Extraordinário. Nesta guerra triste, fanática, a contabilidade diária é feita de números, vazios de pessoas, dá-se conta dos inúmeros alvos inimigos abatidos, destruídos, são aos milhares, entre os quais, uns tantos milhares de crianças-terroristas, indistintos aos olhos da comunicação oficial, nunca tal se tinha visto, insólito e aterrador. Este absurdo, que habita os nossos dias e semanas, irá sobreviver ao fim da guerra, por muito mais tempo. As pausas, até agora entendidas como descanso, prazenteiras, portam aqui o sofrimento e a morte, ilimitados.

### Omnipresente

Ela está em todo o lado, salas de espera nos hospitais, salas de espera nas clínicas médicas, restaurantes e Cafés. No dentista, quando abrimos a boca e olhamos para o teco, ei-la. A cores, mostra-nos paisagens paradisíacas, restaurantes fabulosos e hotéis inesquecíveis, histórias incríveis, por vezes inverosímeis, em série e em contínuo. Também nos traz notícias, nos últimos anos, diariamente, em direto, quase só de guerras, genocídios, secas, fomes, crises de diferentes grandezas e conflitos sem fim, o que nos atormenta, emociona, deprime e nos deixa com o sentimento de nos estarmos a afundar, devagar, pausadamente. As primeiras, vêm embrulhadas numa ideologia subliminar, omnipresente, que nos inculca ideias e valores, modos de estar e pensar, que nos formatam e aprisionam, irresistivelmente, quase sem nos darmos conta. As segundas, num fluxo torrencial que parece imparável, são esmagadoras, devastam-nos, por vezes, deixam-nos à beira do colapso, cercam-nos, paralisam-nos no medo e na incerteza. Podemos sempre desligar, não Te Ver, fazer uma pausa, pensar pela nossa cabeça, fazer escolhas, conectar-nos com a vida nas suas múltiplas formas, a começar na natureza, fonte inesgotável de vida, a cada dia.

**José Eduardo Marques**



# Desafiando o fio da escrita

## A Fuga para o Egito

Passe a redundância, mas o realismo da realidade é cada vez mais profundamente doloroso e não dá para que viremos a cara para o lado e digamos que não é connosco.

Ainda há pouco não seria imaginável que o mundo ocidental assistisse à conflitualidade que graça mesmo às portas da Europa com múltiplas e imprevisíveis consequências para o mundo e todos nós.

A *Queda do muro de Berlim* em 1989 e a postura sucedânea Leste/Oeste fizeram acreditar na pacificação e estabilização das relações entre os dois Blocos rivais de então. Porém, com a tomada da Crimeia pela Rússia em 2006, essa pacificação tremeu e terá pré-anunciado sem que tivesse sido suficientemente encarada como tal, a posterior invasão da Ucrânia em 2022, cuja sangrenta guerra escorre diariamente aos nossos olhos sem apelo nem agravo e sem que se aviste desfecho. Avista-se sim, quase ao vivo na televisão e demais ação dos media, a contínua mortandade e destruição do país em contraponto com o lucrativo crescimento do mercado internacional de armamento e um como que deixar correr ou inépcia dos detentores do poder.

Como se não bastasse, outra guerra estalou dia 7 de outubro último, desta vez no Médio Oriente, fruto de um hediondo ataque terrorista em Israel por uma organização fundamentalista da Palestina. Israel ripostou e está a ripostar duramente. Uma guerra que, do ponto de vista da comunicação social, ofuscou a guerra anterior dada a importância política, geoestratégica e económica da região, bem como, no plano internacional, dados os riscos agravados de confronto interculturais com envolvimento multinacional.

Seja num caso seja noutro, guerra só por si é catástrofe qualquer que seja a configuração. Chocam-me e doem-me ambas ou qualquer outra. Nesta guerra, o ponto de partida material ocorreu numa festividade israelita com a captura de centenas de reféns indiscriminadamente quanto a idade e género com total desrespeito pelos idosos, mulheres e crianças, abrindo uma contenda sem lei nem grei de parte a parte com razia humana e territorial sedimentada na milenar luta dos povos locais que remonta mesmo à era das Sagradas Escrituras. Uma guerra a oito, redundando no extermínio ou na migração tal a devastação a que chegou, desde corte de água e eletricidade a desmantelamento do edificado onde nem hospitais escapam.

É de coração ferido que não posso deixar de aqui exarar que, em pleno século XXI e por incrível que pareça, o mundo assistiu hoje quer ao repetir da histórica *Matança dos inocentes* atribuída a Herodes ao perecerem nascituros, quer à *Fuga para o Egito* com a transferência, da Palestina para o Egito, de recém-nascidos ainda em incubadoras! Bebés em risco de vida, bebés *entregues à sorte e à morte* em luta pelo direito a existir!!!...

**Luísa Machado Rodrigues**



# Desfiando o fio da escrita

## **VIDA!!**

Percorro o caminho que me apresentas

Preciosa cascata de Luz

És mágica dádiva, mão amiga

Sempre que me permito entender

O fruto que se produz!

Se vida for considerada apenas enquanto tempo que decorre entre o nascimento e a morte, poderá entender-se como um período limitado pela finitude.

Se considerada para lá desse espaço temporal, tratar-se -á da cascata de luz e beleza que anima o corpo, energia sublimada, santuário divino e intemporal, dimensão que se inicia aqui no planeta com a 1ª respiração. O sistema respiratório é ativado no precioso momento do nascimento, o bebé chora, o milagre toma forma num corpo físico onde a força anímica passa a comandar a matéria.

Chegamos aqui para experienciar e evoluir na parceria espírito/corpo.

A Vida é um presente especial que ouve a música da Mãe Natureza no seu perfeito compasso e melódica harmonia; sente a dança das estrelas, é a fusão entre o macro e o micro cosmos.

Sou grata à perfeição da Vida, bem como a toda a Vida que resulta das experiências percorridas e escolhidas. Todas são úteis porque representam efeitos de causas que as determinam e antecedem. Vendo-as como tal, tornam-se referências, embora nem sempre entendíveis!

A Vida é um processo grandioso, sublime na sua essência, fruto da Perfeição da Criação e que só Ela poderia conceber tamanha Obra! E a Obra é intrínseca ao HOMEM!

Que Magnífica Dádiva. Honrá-la é um dever. Que a humanidade ganhe a consciência da responsabilidade sobre si e o respeito pela vida de todos. Este enorme desafio será certamente a porta aberta ao equilíbrio entre os povos, onde o espaço e oportunidades, um dia, serão naturalmente comuns a todo o Ser Humano.

**Maria de Lourdes Santos**



# Desfiando o fio da escrita

## **A pousada da mala-posta na aldeia do Oeste**

A partir de meados do século XIX, com a nova estrada, a mala-posta já conseguia fazer a carreira Lisboa-Porto em trinta e quatro horas, viagem anteriormente efetuada em mais de sete dias. Nesse tempo, a pousada da aldeia era pouso importante para as diligências recuperarem fôlego, antes de atacar a estrada íngreme, a caminho da cidade mais conhecida pelo seu majestoso Mosteiro de Cister.

A aldeia fica situada no sopé da serra, a norte de uma planície verdejante, com belos pomares, vinhas e hortas. É atravessada pela estrada que a divide em duas partes, uma a leste mais elevada e outra a oeste em declive ligeiro. Provenientes da capital, chegavam ali as diligências que atravessavam, a grande trote a pequena povoação. No largo, viravam à direita e subiam em direção ao grande arco de pedra esculpida.

No interior, estendia-se um vasto pátio e à direita erguia-se o edifício imponente da mala-posta. Um casarão de dois pisos, branco e comprido, com grandes portas no rés-do-chão e no piso superior, uma fileira de janelas em guilhotina. Ao centro, um portão enorme dava para os estábulos escuros onde se guardavam os animais. O ferrador movimentava-se naquela penumbra, levando água e palha fresca aos cavalos.

O primeiro piso, acessível por uma escadaria íngreme de madeira ruidosa, acolhia os passageiros cansados da jornada. Ali, retemperavam forças, tomavam alguma refeição regada com o vinho da região, apreciavam o pão de ló e pernoitavam até ao raiar do sol. A azáfama era grande e muitos ofícios floresciam à volta desta atividade.

Hoje, nada resta da mala-posta e é de lamentar o esquecimento a que foi votada esta pousada. Apenas permanecem o edifício e o arco imponente. Nem uma estátua, nem uma placa identificam este local cheio de história.

Na minha infância, nos anos sessenta, cheguei a ir lá comprar leite. O rés-do-chão fora transformado em vacaria e o andar superior já se encontrava praticamente vazio, apenas com alguns móveis encostados às paredes brancas e nuas. O cheiro forte dos animais espalhava-se pela aldeia e ali, pairava nauseabundo, sobretudo nos dias quentes de verão.

Com a pequena leiteira de alumínio na mão, atravessava a aldeia e chegada ao largo, passava em frente da escola primária. Com os olhos no chão irregular, subia a ladeira de pedra que passava sob o grande arco, em direção ao velho edifício. O cheiro acre do gado bovino intensificava-se à medida que me aproximava do edifício. Subia a escada íngreme de madeira na penumbra e no andar superior, encontrava a dona Júlia a lanchar, na pequena mesa junto à janela. Fazíamos a conversa de circunstância enquanto ela ia enchendo a leiteira com o líquido ainda morno, espesso e cremoso.

No regresso a casa, aquela pequena ladeira era o ponto de partida para uma corrida cujo desafio era não derramar o leite, o que nem sempre acontecia! Em frente da escola, desviava o olhar do sítio que considerava prisão, apressada, atravessava o largo até alcançar as amoreiras altas na beira da estrada. Ali sim, havia uma pausa para colher as amoras negras e pulposas, caídas na erva. As que não comia debaixo da amoreira iam para o caminho, na palma da mão tingida de negro do sumo doce.

**Maria Luísa Freitas**

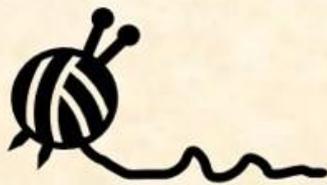


# Desfiando o fio da escrita

## **Borboletas**

Autêntico estio em dia outonal...  
Raia o sol  
Sem pejo nem medo  
Florescem os campos fora de tempo  
Baralhada, a natureza confundida  
Baralha as estações do ano  
Confunde as plantas, confunde os animais  
Enche-se de sede à míngua da água  
Que não vem.  
Dói a humana cegueira climática  
Urge a esperança do acordar de consciências  
Urge olhar as borboletas na sua beleza e leveza  
Esvoaçantes, saltitantes de flor em flor  
Sob o calor deste estranho tempo abrasador  
Delicados seres vivos  
Exemplo de transformação, de renovação  
Símbolo de pacificação, de felicidade  
Lição para este mundo desencontrado  
Esquecido dos valores humanistas  
Em dúbios e belicistas valores submerso  
Desatento à devastação da natureza  
Vergado ao humano conflito armado!

**Maria Silveira**



# Desfiando o fio da escrita

## **Cigana**

Deitei as cartas p'ro chão.

Elas já me disseram tudo

o que havia para saber :

- vou fazer uma viagem

- vou herdar algum ouro

-vou encontrar alguém

para quem serei um tesouro

A sina que leio aos outros

quero-a também para mim

Esperança, Fé, Amor,

um optimismo sem fim

Não quero casa com portas

nem jardim cheio de flores

Quero uma árvore frondosa,

um prado,

uma manta de mil côres.

Filha do vento e das estrelas

eu bebo a água do rio

Danço descalça ao luar

A minha Pátria é o Mundo

A minha vocação é amar

**Mitú Branco**



# Desfiando o fio da escrita

## Mulheres

Dos quatro cantos do Mundo

erguem-se

De rostos pálidos ou da côr do ébano

De sari ou de saias encarnadas

Descalças ou de botas douradas

erguem-se

Caminham para o Futuro

que deve ser também o delas.

Não lhes importam esforços

Não lhes importam trabalhos

estão prontas

Não lhes basta serem dóceis,

obedientes

eternamente mantidas caladas

erguem-se

porque sabem

porque podem

porque são

Mulheres

**Mitú Branco**



# Desfiando o fio da escrita

## **Mais um dia de calor**

Logo pela manhã, o céu estava bem azulinho.

O dia avança, o sol aquece  
e o céu fica pálido, de um azul esmorecido,  
desbotado de tanto calor.

No entanto,  
uma brisa refrescante vem do mar,  
tornando este calor menos sufocante,  
fazendo ondular os arbustos floridos  
e as árvores de folhas mais finas.

Sim, porque os pinheiros,  
esses mantêm-se firmes  
com as suas agulhas bem verticais.

Ao longe, surge uma águia no seu voo majestoso.  
Aproxima-se lentamente, com as asas bem eretas,  
faz lembrar um avião.

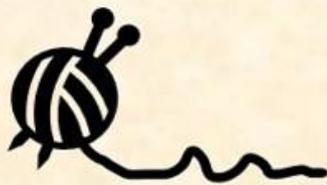
Dá várias voltas à procura de alimento  
e parte para outras paragens.

Ficam as pegas azuis ou charnecos,  
como lhes queiram chamar.

Esses, comem de tudo,  
são fáceis de contentar.

O dia avança, entardece  
e o calor volta enfim a abrandar.

**Pilar Encarnação**



# Desfiando o fio da escrita

## **Um insólito dia de verão**

O céu parece de algodão salpicado de pequenas clareiras azuis, por onde o sol vai espreitando. Lá longe, uma nuvem escura destoa do conjunto. Empurrada pelo vento, vai-se aproximando lentamente e ocupando cada vez mais espaço.

De um momento para o outro, todo o cenário muda. O sol desaparece, a passarada deixa de cantar, um ribombar surdo ecoa por montes e vales e um vento repentino cada vez mais forte rodopia velozmente, arrastando tudo o que encontra no seu caminho. Em segundos, arranca pela base um pequeno damasqueiro e segue o seu caminho.

A chuva cai, primeiramente em bagos gordos e espaçados, mas rapidamente se transforma num dilúvio. Durante uns trinta minutos parece que se abriram as comportas do céu. A chuva cai ruidosamente, correndo em ondas pela rua, transformando-a num rio caudaloso.

Passado algum tempo, tudo volta à normalidade. A água escorre ainda dos beirais e corre de mansinho, cantarolando para as sargetas. Ao longe, um colorido arco íris brilha no céu, mas em breve desaparece. O sol brilha de novo, os pássaros voltam a fazer ouvir os seus gorjeios. Tudo tem agora um ar lavado. As casas, as pedras da calçada, as árvores, as plantas, as flores estão mais verdes, luminosas e brilhantes. O cheiro a terra molhada confunde-se com os aromas mais diversos. O ar ficou mais leve, mais fresco, mais puro.

Depois de muitos dias de intenso calor, a terra ressequida agradece levantando nuvens de vapor.

Foi mais insólito dia de Verão.

**Pilar Encarnação**



# Desfiando o fio da escrita

## Carta (póstuma) para a minha avó materna

Mãe mãe, a minha avó materna.

Cedo, muito pequena ainda, teria quatro anos, a mãe da minha mãe falou-me do significado de ser avó e a razão de termos o mesmo nome.

Nome que dependeu da vontade dos meus pais. Um nome que honrou os nomes das duas famílias. O nome da minha avó era, também, nome na família do meu pai. Foi motivo de aproximação das duas famílias. Por isso, foi também, a minha madrinha de batismo!

Vivíamos distantes,urgia visitá-la muitas vezes. Um beijo à chegada, um beijo na despedida. E, rapidamente, montada na *pasteleira* do meu pai revia a bela tarde passada naquela casa. A cada pedalada por entre as grandes árvores do caminho, soltava risadas bem dispostas por tanta coisa nova que observara e aprendera! Sempre diferentes, aqueles dias, dependendo da época do ano.

A minha avó era dona de casa, uma casa agrícola com imensos afazeres sem muito tempo para receber visitas. Mas para mim havia sempre boas fatias de broa com marmelada, requeijão fresco, mel das abelhas dos cortiços que havia no quintal. E peras de sequeiro!

A minha avó tinha estatura média, vestia saias compridas e blusas cintadas. E avental comprido, também. Ao domingo quando ia à missa com o meu avô na pequena Capela de S. Domingos, o orago da aldeia, uma *Villa Meann*, usava sapatos com salto, um gracioso salto e levava nas mãos uma pequena carteira a condizer. Na cabeça usava um largo lenço com padrão acetinado. À saída ficava no adro a trocar cumprimentos com os vizinhos, os compadres, alguns conhecidos, alguns familiares. Em dias de grande calor e muito sol cobria-se com um guarda-sol de tecido claro que o meu avô segurava.

Mesmo ao domingo, havia sempre gente a entrar em casa. Eram trabalhadores contratados ao dia que levavam os filhos bebés e os deixavam ao cuidado de uma das jovens mães para os alimentar e os pôr a dormir em gamelas onde costumavam amassar o pão de milho, a broa. Que era preparada e cozida ao sábado, no grande forno do pátio exterior e ficava entre os muros altos que ladeavam a casa...

E depois do S. Miguel estava quase sempre em casa da minha avó pois já se organizava o Tempo do Natal. As figurinhas do presépio que estavam arrumadas no sótão tinham que ser limpas e pintadas de novo. E renovar outras que se tivessem partido.

Dezembro chegava e, à vida diária, acrescentavam-se os preparativos para a grande festa do Natal. Construía-se o Presépio e preparava-se a Novena que pretendia ser uma caminhada de contemplação da história do Nascimento de Jesus e que começava na 2ª semana do mês. Os homens preparavam os madeiros para fazer a grande fogueira para lá do adro da Capela. As beatas ensinavam os cânticos religiosos e as mães as cantigas da rua. Engordavam-se os perus e os patos. Faziam-se encomendas ao moleiro para ter farinha suficiente para os bolos. Tiravam-se as melhores loiças dos armários verificando se alguma estaria em mau estado.

Tudo era comandado e visionado pela minha avó, a mãe da minha mãe! E essa organização foi passando de mão em mão até chegar aos meus filhos e às minhas netas, as trinetas da minha avó!!

Querida avó, já não assistiu à transformação que o mundo sofreu!

O mundo móvel e tecnológico que nos aproximou de outros irmãos tão longínquos e com outros modos de vida para lá das sementeiras e das colheitas. Para lá da alegria dos cantares e bailaricos, da tuna onde campeavam o violino, o bandolim, o acordeão, a flauta, a pandeireta, o bombo... do seu tempo.

Querida avó, prometo ler esta carta aos mais novos a olhar o presépio. Como presente de Natal! Porque é um recordar vivido.

**Maria Regina Ferreira**



# Desfiando o fio da escrita

## A escuridão da ignorância

Curvas apertadas a descer para o rio, com acácias a cobrirem a estrada fazendo frondosos túneis de flor amarela, criando nos ciclistas uma permanente sensação de despiste e de cambalhotas pelos barrancos que só param no rio, os últimos três quilómetros da volta ao concelho em bicicleta representavam um tremendo desafio de subida íngreme até à estrada plana. No topo, como que a saudar os heróis da estrada das Dunárias, ficava um exuberante eucalipto de onze metros de perímetro de tronco e 43 metros de altura, e que mais tarde, sessenta anos depois, veio a ser considerada a mais bela árvore de Portugal, o eucalipto de Contige, plantado aquando da abertura daquela estrada municipal, no século XIX.

As festas do concelho incluíam também uma corrida entre um automóvel do tempo da II Guerra Mundial, um Citroen mais conhecido por “arrastadeira”, e uma bicicleta. Dois condutores, o do automóvel, um artolas que herdara uma pequena fortuna, e o da bicicleta, cego de um olho, mas um valente lenhador, qual deles o mais bruto, iam dando guinadas em ziguezague para ver qual deles atrapalhava o outro. Numa curva mais apertada, a descer para o rio, o ciclista deu duas guinadas no guiador, circulando em “sss”, provocando a atrapalhação do condutor do automóvel, que foi de encontro a um muro de pedra solta e acabou na beira do rio, depois de ter capotada várias vezes. O condutor não morreu, mas o carro lá ficou encostado a um amieiro, sem hipóteses de recuperação. Disputavam o título de “o mais protegido das bruxas”.

Sem medo das bruxas, nas noites de fim de verão, rapazes e raparigas acorriam alegremente para a eira, na esperança de encontrar uma espiga preta, troféu que daria direito a escolha de namorada. Para dar luz, deitava-se mão de um petromax, ou candeeiros de petróleo, gasómetros de carboneto, velas também. Era a festa da desfolhada, que algumas vezes também era festa de desflorada...

A tradição das bruxas estava muito arraigada nas crenças populares da aldeia de Chão do Monte. No Carnaval, os rapazes vestiam-se de bruxas, roupa escura, uma máscara e uma vassoura, para combinar casamentos. Usavam velhos funis de transbordar vinho, boca larga para projetar o som. Em locais previamente escolhidos, altas horas da noite, as “bruxas” sugeriam casamentos. “Ó compadre, com quem vamos casar a jovem Amélia? E a viúva Ernestina? E a solteirona Adelaide? “. Dentre os sugeridos para marido ou amante surgia frequentemente o nome do padre da freguesia, de quem se suspeitava que teria “várias namoradas”. Noutras alturas, as bruxas assumiam outra feição: eram “almas penadas” que apareciam e desapareciam, levando a cenas de autoflagelação no meio da escuridão. “Olha, a Maria Três Tetas trás com ela a alma do Zé Tanoeiro”, era frequente ouvir-se este comentário. Tudo se passava à noite, sob o manto observador das estrelas ou a luneta do luar de janeiro. Nas noites de finados, ninguém parava para auscultar o ujo ou a coruja, temiam-se as almas penadas vagueando na noite. De chapéu na mão, em respeito, qualquer toque com o chapéu num obstáculo gerava fugas, corridas, gritarias, na escuridão da noite. Podiam ser almas penadas em perseguição, dizia-se.

Naquela aldeia, as bruxas e almas penadas desapareceram numa noite de novembro de 1964. A CRGE, mais tarde EDP, tinha ligado pela primeira vez a eletricidade na aldeia. Uma grande festa, que já não teve a presença das bruxas, que na realidade só existiam na cabeça das pessoas. Haja luz nas mentes!

**Vítor Carvalho**



# Desfiando o fio da escrita

## Faltaram as asas

Em frente da estação dos CTT de Pena de Alba, onde tinha depositado uma carta, havia uma loja de ferragens. Oceano entrou e pediu uns parafusos para suporte de prateleira. No atendimento estavam pai e filho, com cerca de sessenta e vinte anos, Eustáquio e Ezequiel, respetivamente. Atendeu o filho, mas foi o pai que perguntou, O senhor não é genro do Lázaro, ele disse que sim, E quem é o senhor, perguntou também, Eu sou primo da sua mulher. A conversa continuou até pormenores de ramificações familiares. Sei que puseram a casa antiga à venda, podemos fazer negócio, disse Eustáquio, Sim, é verdade, e teríamos gosto em que fosse alguém da família a ficar com a casa, rematou Oceano, Se eu a comprar, e uma vez que já tenho lá uma parte da casa original dos avós, cozinha e lagar de vinho, posso refazer a casa na versão original, ampliada, Quando podemos falar lá na dita casa, Por mim pode ser até ao fim do mês, depois acabam as férias, rematou Oceano.

Várias reuniões se seguiram, até que Oceano e Eustáquio fecharam negócio. Já tenho na cabeça tudo o que vou fazer para ficar uma casa nova, igual por fora, totalmente diferente por dentro, disse Eustáquio, Então já contratou desenhador, Não senhor, eu tenho tudo na cabeça, não preciso de desenhador, já fiz duas casas para os meus filhos, praticamente sozinho e só precisei do desenhador para obter a licença da Câmara Municipal, e agora ando a arranjar duas casas antigas no meio da vila para mudar para lá esta loja, que é pequena, posso lá ir consigo para ver como de duas casas velhas sem ligação, viradas para ruas diferentes, estou a fazer uma loja comercial. Oceano ficou intrigado, quem será este cavalheiro, que parece ter umas ideias interessantes. Foram ver as obras, mas antes Oceano perguntou, Onde aprendeu, onde adquiriu experiência para fazer isto, Olhe, senhor, foi a vida, desde os dez anos que trabalho, no campo, nas obras, em Lisboa a abrir valas e colocar cabos elétricos, todo o tipo de trabalhos de eletricidade, canalizações, estruturas em ferro e cimento, depois emigrei para a Suíça, ganhei lá uns cobres e agora regresssei para me dedicar a este negócio de tudo o que é necessário para construir uma casa, e sou capaz de fazer tudo sozinho, já são três casas que ponho de pé, tenho tudo na cabeça sobre o que há a fazer.

Um ano depois, Eustáquio começou a reconstruir a casa dos antigos avós e Oceano teve a curiosidade de, de vez em quando, ir ver as obras. Ah! já tem telhado novo, subi o sótão para ter um andar adicional, o que vai fazer por dentro, quero ver, questionou Oceano, Venha, que eu mostro, respondeu Eustáquio. Oceano não queria acreditar. Está tudo diferente por dentro, mostre-me a planta para ver como vai ficar, Não há planta nenhuma, senhor, tenho tudo na cabeça, posso dizer-lhe como vai tudo ficar, quando comecei as obras já tinha tudo definido na minha cabeça, não preciso de desenhos, nem de plantas. Então diga-me como vai ficar o que falta. Venha comigo até ao antigo lagar e explico tudo. E explicou, com todo o pormenor. E já tinha tudo definido quando começou as obras, insistiu Oceano, Sim, tudo já estava na minha cabeça, nunca precisei de papel para saber o que tinha a fazer. Foi assim nas outras casas, tenho tudo na cabeça, sei desenhar, já ganhei um concurso de caricaturas numa festa popular, por ter feito a melhor caricatura do mordomo da festa, fui eu que fiz a reconstrução do interior da igreja matriz da vila, pode lá ir ver, gostava de ter sido arquiteto, mas não tive quem me mandasse estudar, Seria um bom arquiteto, de certeza, respondeu Oceano, quantas vocações se perderam por esse Portugal atrasado e pobre, nos tempos da ditadura salazarista, rematou. O seu, é só mais um caso de vocações desperdiçadas, por falta de escolas, por falta de aposta na educação – razão maior do nosso atraso, concluiu, Deve ter razão, senhor, mas não me julgo uma pessoa infeliz, fui educado a obedecer e a aceitar o destino, respondeu Eustáquio, sei pintar, é o que me dá na cabeça, acrescentou. Então foi o senhor que pintou a figura que está na entrada da loja nova, questionou Oceano, Sim, fui eu e pus-lhe aquela barbicha que usei até há pouco tempo, acrescentou, Então o senhor era capaz de pintar a minha figura, desafiou, Está acordado, quando cá voltar vai ter um retrato seu. E cumpriu, com inequívoca competência técnica. Mais um caso de vocação desperdiçada, concluiu, faltaram-lhe as asas para voar...saber ler, escrever e contar, era o máximo formalmente exigido na altura! Na prática, nada era exigido, pois se entendia que era uma graça de Deus ser pobre.

**Vítor Carvalho**



**Nova Atena**  
Saber e Bem-Estar

*Nova Atena - Universidade Sénior de Linda-a-Velha  
Coordenação e design gráfico - Midá Sá-Chaves*